

NOTICIÁRIO TORTUGA

ANO 33 — Nº 357 — NOVEMBRO/DEZEMBRO 1987

A palavra do criador

“Obrigado à Tortuga pela qualidade de seus produtos, que muito estão fazendo pela mineralização correta do nosso gado. Parabéns pela campanha contra o uso do fosfato de rocha. Fosfato de rocha é para fazer adubo. Nunca para consumo animal. Com bicho vivo não se brinca. Parabéns também ao Noticiário Tortuga, que é muito bom!”

José Alexandre Junqueira Villela
José Alexandre Junqueira Villela é criador de gado holandês e produtor de leite B em Cristais Paulista, SP

A nossa palavra

O Noticiário Tortuga está entrando no seu 34º ano de vida. Puxa, como o tempo passou! Ele é mais velho que Brasília, a capital da esperança. Falando em esperança, que ela continue sendo em 1988 a força que empurra este país. Está difícil, mas temos que acreditar. Essa é a mensagem que o Noticiário Tortuga manda aos seus quase 100 mil leitores. Muito obrigado pelas centenas de cartas de apoio que recebemos em 198... É melhor esquecer esse ano.

Solenidade evoca a figura de um líder



O Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Animais (Sindan), que está intimamente ligado a nossa pecuária, pois congrega mais de 100 empresas fabricantes de produtos que respondem pela perfeita produtividade dos rebanhos, prestou no final do ano passado uma homenagem a um de seus fundadores e ex-vice Presidente, Octacilio Molan, descerrando placa e fotografia colocadas no plenário, que agora passa a ter seu nome. Durante muito tempo e até seu falecimento em 1986, ele ocupou o cargo de diretor Administrativo da Tortuga.



Lembrando o passado de Octacilio Molan, assim se expressou Nelson Antunes, presidente do Sindan: “desde 1967 ele sempre esteve à frente das lutas do nosso Sindicato como grande líder que foi e uma de suas maiores preocupações era de externar em todas as esferas a importância do setor veterinário para a economia nacional”. A solenidade foi realizada na sede do Sindan, em São Paulo, e contou com a presença de sua diretoria, da família do homenageado, representantes de indústrias e de diretores e funcionários da Tortuga, com os quais Octacilio Molan conviveu mais de trinta anos.

Pobre em fósforo

“Parabéns à equipe da Tortuga, que conseguiu descobrir-me como pecuarista antes que eu me manifestasse como tal. Tenho recebido com regularidade o Noticiário Tortuga, que tem atraído minha atenção em vista de várias publicações que são enviadas por outras companhias. Estou agora com o exemplar nº 365 em mãos e a notícia do folheto sobre o cocho ideal vem a calhar, pois é o que estamos precisando em nossa pecuária que estamos implantando em Santo Antonio do Leverger, MT.

Por outro lado, gostaria de fazer contato com seus técnicos de Rondonópolis, pois quero acertar na mineralização do rebanho e preocupa-me em saber que nossa terra é pobre em fósforo”.

Benaldo Liberali
Santa Rosa, RS.

Reportagens valiosas

“Já algum tempo venho recebendo o Noticiário Tortuga e lendo suas reportagens valiosas. Reportagens essas simples, porém objetivas, as quais considero de grande valor para pecuaristas e também para outros como eu, que estejam fazendo curso técnico em agropecuária.

Portanto, meio atrasado, em vista do tempo que faz que venho lendo regularmente o Noticiário Tortuga, quero deixar

expresso aqui meus parabéns a vocês pelo excelente trabalho que realizam, esperando que continuem a evoluir cada vez mais”.

Elbio de Aquino Pilar
Alegrete, RS.

Fala o presidente

“Tenho lido com regularidade e grande proveito o Noticiário Tortuga. Cumprimento pela acertada e oportuna publicação desse jornal informativo e manifesto-lhes o interesse de continuar recebendo por seu intermédio preciosas orientações e práticas, que tenho procurado transmitir e utilizar em minha propriedade. Sou produtor em Desterro de Entre Rios e presidente do Sindicato Rural local”.

Arcanjo Dávola
Belo Horizonte, MG.

Manual do cocho

“Conhecedor do trabalho dessa empresa através de produtos e publicações, sempre que vejo a expressão Tortuga procuro ler, pois significa sempre um conhecimento em pecuária. Há muitos anos que acompanho suas pesquisas e orientações e, no que posso, propago seus ensinamentos. Desde há tempos queria demonstrar minha admiração por essa conceituada e tradicional empresa e aproveito a oportuni-

dade para solicitar-lhes um manual sobre a construção de um cocho”.

José Eduardo de Carvalho Filho
Barretos, SP.

Interesse do povo

“Pertencço a uma região do Paraná onde o desenvolvimento tecnológico está chegando agora. Recebi o Noticiário Tortuga; gostei e estou escrevendo para que dizer que a Tortuga através dele desperta o interesse do meu povo para o progresso e melhores lucros. Como criador de gado e suínos espero que continuem assim, pois a nossa região ainda dará bons frutos a todos”.

Vitor Schuede
Paula Freitas, PR.

Colegas zootecnistas

“Meus cumprimentos a Tortuga, que há muitos anos tem prestado relevante trabalho a nossa pecuária, não só na área de produtores veterinários, mas principalmente no assessoramento técnico para aumento da produtividade. Devo salientar aos meus colegas zootecnistas que é através dessas importantes informações técnicas que poderemos ter no futuro um progresso maior na nossa pecuária”.

Djalma Botura
Taquaritinga, SP.



GRUPO TORTUGA

Tortuga Companhia Zootécnica Agrária

Cipagro S.A. Comércio e Indústria de Produtos Agropecuários

Fosbase Comercial S.A.

Tortuga Administração de Bens e Serviços S/C Ltda.

Administração Central: Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1409, 13º e 14º, Cep 01451, fone 814-6122, telex (011) 83270 (TCZA), São Paulo, SP. Unidades Industriais: Rua Centro Africana, 219, Cep 04730, fone (011) 247-3777, São Paulo, SP — Avenida Alberto Coccozza, 3.000, fones 428-3435, 428-3364, Mairinque, SP. Filial São Paulo: Rua Centro Africana, 219, fone 247-3777, ramais 159/165/175. Filial Estado de Goiás: Avenida Perimetral Norte, 1636, Cep 74000, fone (062) 271-1480, 271-1600, 271-1713, telex (0622) 381 (TCZA), Goiânia. Filial Estado do Rio Grande do Sul: Avenida Farrapos, 2955, 1º andar, Cep 90220, fone (0512) 43-2600, telex (051) 2494 (TCZA), Porto Alegre. Filial Estado Mato Grosso do Sul: Rua Ceará, 1322, Cep 79100, fone (067) 383-6425, Campo Grande. Filial Estado do Mato Grosso: Rua 57, nº 92, Cep 78000, fone (065) 361-4771, telex (065) 2374 (TCZA), Cuiabá. Filial Estado de Santa Catarina: Rua Fernando Machado, 1907 — D, Cep 89800, fone (0497) 22-2882, Chapecó. Escritório Estado de Minas Gerais: Avenida Amazonas, 641 — 15º andar, cj. 15/A, Cep 30000, fone (031) 212-1407, 212-1077, telex (031) 1519 (TCZA), Belo Horizonte. Escritório Estado Rio de Janeiro: Avenida 13 de Maio, 41, 18º andar, Cep 20031, fone (021) 220-0287, 220-0787, telex (021) 31052 (TCZA), Rio de Janeiro. Escritório Estado da Bahia: Rua Portugal, 3, Cep 40000, fone (071) 242-0899, 242-5136, telex (071) 1995 (TCZA), Salvador.

NOTICIÁRIO
TORTUGA

Editor

João Castanho Dias
MTPS 8518

Circulação

Francisca Suriano Silva

Arte

Wilson Camargo Filho

José Luís de Freitas

Fotografia

Walter Simões

Tiragem

100 mil exemplares

Redação

Av. Brig. Faria Lima

1409 — 13º andar

Cep 01451 — São Paulo

Fone: 814-6122

Fotolito e Impressão:

ESKENAZI

Tel. 826-2100-SP

Boi entra num vácuo de mercado



Com o recorde inflacionário de 365% (1% ao dia) e com a arroba bovina sendo comercializada a Cz\$ 1.200,00 nos centros tradicionais, a pecuária de corte atravessou maus momentos em 1987. Nos doze meses passados a arroba subiu 100% (em dezembro de 86 valia Cz\$ 600,00) e somente para acompanhar a inflação ela teria que ser vendida nesse mesmo mês por mais de Cz\$ 4 mil.

Por aí dá para perceber que os pecuaristas começam o ano novo descapitalizados e sem acreditar muito na rea-

ção das forças do mercado para recuperar a defasagem estabelecida. Por outro lado, a poder de troca da pecuária vem caindo muito, bastando dizer que anos atrás o pecuarista comprava um trator com 28 bois, enquanto que hoje são precisos 55 bois para ele levar para casa o mesmo trator.

Quem está segurando os preços da carne é a compressão salarial, principalmente da classe média, o maior bolsão de compra. A cada ano vem caindo o consumo, estando situado agora em 10 kg/habitante/ano, quando não faz muito era de 22 kg. Portanto, está bem longe dos ideais 32

kg, considerando uma produção nacional de 2,5 milhões de toneladas de carne bovina. O que poderia alterar essa conjuntura seriam a formação de estoque regulador pelo Governo e a exportação para a Europa de umas 500 mil toneladas de carne. Mas como o Tesouro brasileiro não tem dinheiro para financiar as compras internas e o mercado externo está com excedentes do produto (sem considerar que a Argentina está oferecendo sua carne por um preço mais barato que o nosso), a pecuária de corte entra em 1988 enfrentando um vácuo de mercado, reflexo da crise econômica do país. ■



Quem complicou a vida do porco



Os suinocultores estão ansiosos em esquecer 1987 o mais rápido possível. Foi um ano que frustrou todas as expectativas otimistas de 1986 e podemos citar os dois principais motivos dessa frustração: fracasso do Plano Cruzado e a importação de carne suína da Europa. Essa foi uma compra inoportuna contratada em 1986 e que acabou chegando aqui somente no primeiro trimestre deste ano, concorrendo com a carne nacional e representando 10% da produção brasileira. Os dados oficiais falam em 75 mil toneladas de carcaças resfriadas, mas acredita-se que veio muito mais.

Esse fato fez com que os preços do porco não apresentassem a evolução esperada, que

de longe conseguiram acompanhar o ritmo inflacionário. Em dezembro de 86 a arroba foi vendida a Cz\$ 450,00 e em dezembro de 87 em torno de Cz\$ 800/850,00, quando a inflação situou-se em 365%. Para andar na mesma velocidade da inflação, em dezembro passado a arroba deveria rodar Cz\$ 1.500,00.

Por outro lado, os componentes básicos do custo da produção do porco, como é o caso do milho e soja, tiveram reajustes muito acima da inflação. Por exemplo, o farelo de soja custava Cz\$ 3,00/kg em dezembro de 86, enquanto que em dezembro de 87 explodiu para Cz\$ 22,00 (mais de 700% de aumento). O mesmo aconteceu com o milho: em dezembro de 86 valia Cz\$ 90,00 a saca e em dezembro de 87 chegou até a Cz\$ 500,00 ou mais, se fosse com-

prada fora do sistema da CFP.

Como não podia deixar de ser essas distorções provocaram grande abate de fêmeas. Nos frigoríficos do Rio Grande do Sul e Paraná cerca de 10% dos animais abatidos eram matrizes, quando o normal é de 2,5%, no máximo. Em Santa Catarina o abate foi menor e no resto do Brasil não há estatísticas.

Esse quadro vai fazer com que a produção de carne de porco em 1988 seja bem inferior que a de 1987 e isso nos faz crer que os criadores que conseguiram sobreviver ao período crítico venham a vender muito bem sua produção no decorrer do ano, desde que possam adquirir as matérias-primas a preços moderados. As técnicas de criação evoluíram muito nos últimos tempos e isso explica porque os suinocultores profissionais sempre dão a volta por cima, pois encontram na tecnologia maneiras de contornar as adversidades. ■

O frango perdeu clientes tradicionais



A carne de frango não viveu bons momentos em 87 devido a defasagem entre a evolução dos

preços no mercado consumidor (300%) e os custos de produção (340%), sendo que nos doze meses passados no varejo a carne evoluiu de Cz\$ 8,93 para Cz\$ 36,00/kg, enquanto que o custo nas grandes saltou de Cz\$ 9,53 para Cz\$ 42,47/kg. A produção brasileira no ano anterior apresentou um acréscimo de 9%, passando de um pouco mais de 1,6 milhão de toneladas em 86 para quase 1,8 milhão em 87 e a colocação desse montante no mercado não encontrou grandes barreiras em virtude do preço não tão aquecido para o consumidor, inclusive inferior a inflação acumulada no período (365%).

A exportação não foi brilhante como em anos anteriores, pois perdeu mercados tradicionais do Oriente Médio (sequelas do Plano Cruzado, que proibiu as vendas externas para garantir o abastecimento interno), como também pelos fortes subsídios dados pelos Estados Unidos, França e outros países aos seus avicultores, tornando o nosso frango menos competitivo nas praças internacionais. Em 86 exportamos 224.652 toneladas e em 87 cerca de 220 mil.

O aspecto positivo do setor está ligado ao aumento do consumo pela nossa população, considerando que 86 estava situado em 9,8 kg/per capita, crescendo para 11 kg em 87. Em relação a 88 é esperada uma queda de 20% na produção de frango como medida de ajustamento diante da maior oferta de outros tipos de proteína animal num mercado que tende a ser menos comprador devido a recessão salarial. ■

Carnes para todos os gostos



FRANGO



PORCO



BOI

A Granja de Angola está presente em todo o circuito da carne: produz, industrializa e vende diretamente ao consumidor. As opções que oferece a ele são múltiplas: carne de boi, frango e de porco.

Tudo começou com a galinha caipira. Isso em 1948, quando Eduardo Gonçalves Viana, natural de Campos, RJ, deixou sua lavoura de cana-de-açúcar e veio para o Rio de Janeiro tentar um novo negócio que iria marcar definitivamente sua vida de empresário rural. A venda da galinha caipira nas feiras livres da cidade durou até 1965, época em que o frango de granja começou a surgir no mercado brasileiro como consequência da grande demanda de carne branca nos centros populacionais em ritmo acelerado de expansão. Tinha chegado a era da avicultura industrial.

Eduardo Viana pegou esse embalo e a partir daí seus negócios multiplicaram-se. Primeiro comprou um estabelecimento de nome



Eduardo Viana está pensando em triplicar sua produção

bem familiar para os cariocas, a Granja de Angola, mas logo percebeu que a grande dificuldade estava em fazer seu produto chegar até o consumidor. Os contatos e contratos com os revendedores eram muito difíceis, não havia condições de garantia, os pre-

ços nem sempre eram os mais atrativos e toda sorte de obstáculos surgiram a sua frente.

Nessas circunstâncias ele decidiu fechar o círculo completo da avicultura, isto é, produzir, abater e vender diretamente aos consumidores a carne de

frango. Primeiro montou um abatedouro e depois instalou nas principais feiras do Rio de Janeiro mais de duzentas peruas Kombi, que além do frango, também comercializavam ovos e carne de porco, aproveitando esse excelente ponto de venda.



Vinte quiosques estão espalhados pelo Rio de Janeiro

Em 1973 ocorre uma nova tacada de Eduardo Viana e a suinocultura passa a integrar seus investimentos. Começou abatendo animais de terceiros e hoje já tem sua própria granja, onde estão alojadas 1.200 matrizes das raças Landrace e Large White, responsabilizando-se para a colocação nos principais supermercados cariocas de cerca de 260 toneladas mensais de carne suína. Esse número refere-se ao abate de 3 mil porcos, dos quais parte é adquirida de outros criadores.

A mais recente diversificação de Eduardo Viana foi a pecuária de corte, que juntamente com a avicultura e suinocultura, desenvolvem-se em propriedades quase dentro da região metropolitana carioca. Não estão muito longe da praia de Copacabana. São a Granja Beira-Rio, em Nova Iguaçu, e a Granja Itaguai, no mesmo município, quase no início da Rodovia Rio-Santos, perfazendo um total de quase 80 ha.

Além das 1.200 matrizes suínas, nessas granjas estão alojadas 260 mil frangos de corte (Hubbard) e 700 cabeças de gado mestiço em regime de engorda semi-confinada, tendo como parte da alimentação a cama dos galinheiros. O frigorífico central da Granja Angola Ltda, a empresa mãe, está localizado em Ja-

carepaguá, possui 12 mil m² de área construída e emprega 600 funcionários em todos os segmentos. Toda a família trabalha lá: esposa, filhos, netos... e o próprio Eduardo Viana, que todo dia, às 4 horas da madrugada, já está dando as primeiras ordens da jornada.

Valendo-se de sua experiência no contato direto com o consumidor desde os tempos da galinha caipira, Eduardo Viana mantém-se até hoje fiel ao sistema de venda de seus produtos. Nada de intermediários. Logo de manhãzinha um verdadeiro comboio de 120 Kombis parte do frigorífico para estacionar em pontos estratégicos das oitenta feiras ou então abastecer os vinte quiosques de *fyberglass* espalhados pelos principais bairros do Rio de Janeiro. Ali se vende de tudo: carne de frango, boi e porco. Lógico com a marca "Granja de Angola", com a qual os consumidores já estão bem acostumados.

Eduardo Viana é um cliente antigo da Tortuga e em todas suas criações são vários os produtos usados. Na suinocultura o fornecimento de matéria prima da empresa é exclusivo, sendo que a assistência técnica e formulação de rações é supervisionada pelo veterinário Sérgio Rangel Messias, que trabalha na filial da



Todo dia 120 Kombis distribuem as carnes



O frigorífico abate mensalmente 3 mil porcos



A Granja usa produtos Tortuga na sua fábrica de rações

Tortuga no Rio de Janeiro como responsável pelo atendimento a campo dos clientes. Isso garante às granjas obtenção de excelente performance nos índices de produtividade. O Programa Frango Rio é a grande esperança de Eduardo Viana, 64 anos, para triplicar sua produção de carne de frango e porco. Consiste num plano de apoio aos criadores fluminenses através de um prazo maior para o recolhimento

do ICM a ser concedido pelo Governo do Estado. "Só estou esperando que a resolução seja transformada em decreto-lei" assinala ele. Na sua opinião essa medida é indispensável para tornar o Rio de Janeiro auto-suficiente em produtos agrícolas, "já que hoje o crédito rural é mais caro que o crédito comercial, o que inviabiliza a aplicação de recursos próprios da classe rural nos projetos de investimentos". ■

Solenidade em homenagem a criadores baianos

Continuando sua série de reuniões regionais para entregar diplomas e homenagear criadores que colaboraram numa pesquisa sobre suplementação mineral realizada a campo, cujos resultados estão expressos no Livro de Ouro, a Tortuga promoveu em meados do segundo semestre do ano passado em Salvador uma solenidade da qual participaram cerca de trinta pessoas.

Além do diretor geral de Vendas da Tortuga, Ivo Marega, e do gerente Regional, Marcielo Camargo, estiveram presentes no evento o deputado Cesar Borges e o ex-deputado Gileno

Calheira, representando respectivamente os homenageados Waldomiro Borges Filho e Francisco Teotônio Calheira, criadores do Estado da Bahia.

O agradecimento em nome dos depoentes do Livro de Ouro foi feito pelo pecuarista Ticiano Leony, que salientou a contribuição que a Tortuga vem prestando à pecuária nacional ao longo de muitos anos, através de uma assistência técnica efetiva e da fabricação de produtos de qualidade, onde destacam-se aqueles indicados para corrigir as carências minerais do rebanho bovino. ■



Cada depoente recebeu seu diploma de participação na pesquisa



Cerca de 30 pessoas participaram do jantar no Baby Beef



A imprensa esteve no evento com uma equipe de tv



Ticiano Leony (1º plano) falou em nome dos homenageados

Gente falando de um programa que deu certo

O Livro de Ouro começou a ser feito há cinco anos e reúne noventa depoimentos de criadores de todas as regiões do Brasil, falando de suas experiências bem sucedidas com a adoção de um programa correto de suplementação mineral pesquisado pela Tortuga. Esta é a relação dos depoentes do Estado da Bahia:

Antonio Andrade, Arzênio Sampaio Barreto, Carlos Schneider, Elza Schneider, Eurides Sartoretto, Floro Alves dos Santos, Francisco Teotônio Calheira, Pedro Paulo de Oliveira, Raimundo Fernandez Carvalho, Renan Magalhães Silva, Rosendo Fontes Lago, Ticiano Leony, Valter de Souza Cunha e Waldomiro Borges Filho.

O telegrama do deputado

"Agradeço o convite para o jantar de apresentação do Livro de Ouro dessa progressista empresa, lamentando não poder participar em face de compromissos assumidos na Assembléia Nacional Constituinte, mas com certeza do pleno êxito da solenidade".

Mario Lima
Deputado Constituinte

Recorde na entressafra

A cidade de Itaperuna, no noroeste fluminense, é o centro geográfico da maior bacia leiteira do Estado, que se estende pelos municípios de Natividade, Pádua, Porciúncula, Itaocara e outros. Um dos mais expressivos empreendimentos leiteiros da região é a Cooperativa Agropecuária de Itaperuna Ltda (Capil), que congrega mais de 1.700 associados ativos e capta uma média diária de 94 mil litros diários de leite. Fundada há 46 anos e industrializando uma série

de produtos lácteos (queijo, manteiga, iogurte, etc), a Capil inaugurou recentemente sua fábrica de ração, com capacidade para 48 mil kg/dia, ou seja, 19.200 sacos de 50 kg. A matéria prima usada na formulação é de primeira qualidade: fubá, farelo de soja, algodão e de trigo e Bovigold, suplemento mineral específico para o gado leiteiro, marca Tortuga.

Aliás, depois que a Capil passou a formular sua ração com Bovigold foi obtido recorde na produção de



leite na seca pelos seus cooperados: 97 mil litros em julho passado, em plena entressafra. Ela é presidida por Carlito Crespo Martins, tendo como com-

panheiros de mandato José Rubens Pereira (diretor Secretário), José Carlos Soares (diretor Financeiro) e Moacyr Vieira Seródio (diretor Comercial). ■

Tortuga abre filial em Chapecó



Para prestar melhor assistência aos clientes, reduzir as despesas de frete e agilizar a distribuição dos produtos, a Tortuga Companhia Zootécnica Agrária acaba de instalar sua sexta filial do país, localizada em Chapecó, SC. Compreendendo centro administrativo computadorizado, armazém e estacionamento, a nova regional terá como área de atuação o

oeste de Santa Catarina e o centro e o oeste do Paraná.

Primeira filial de uma empresa do setor veterinário na cidade, a unidade de Chapecó atenderá uma região de grande expressão pecuária, onde existem 4,5 milhões de suínos e 3 milhões de bovinos, além das mais importantes integrações avícolas do país. ■

GENTE

O "turco bom" foi embora



Ele chegou antes que muitas cidades do norte do Paraná, introduzindo o nome Tortuga e seus produtos junto a criadores pioneiros que estavam desbravando aquele sertão para o progresso. Ele viu os pequenos povoados transformarem-se nos grandes centros de hoje. Isso aconteceu por volta da segunda metade dos anos 50, quando Ostílio Máximo Azim começou a trabalhar na Tortuga como representante comercial.

Azim era o "turco bom" para a Tortuga, apelido que revelava um homem de coração sem tamanho, sempre pronto para ajudar o companheiro em dificuldades. Nas vésperas de sua aposentadoria, depois de quase trinta anos de trabalho ininterrupto na empresa, Azim não está mais entre nós, falecendo no dia 29 de novembro do ano passado, dias depois de ter completado 77 anos. Natural de Morretes, PR, casado com Laura Azim, uma filha, Azim, como tantos outros, de sua geração, simbolizavam a legendaria figura dos caixeiros viajantes, que redescobriram novamente o Brasil nas suas solitárias andanças.

RETENÇÃO DE PLACENTA

Um grande empecilho na produção leiteira

O órgão localizado no útero durante a gestação, o papel da placenta (ou membrana fetal) é o de estabelecer comunicação biológica entre mãe e o filho, através do cordão umbilical, o que proporciona ao feto durante seu desenvolvimento nutrientes e oxigênio, além de expulsar produtos inaproveitáveis, tais como o dióxido de carbono.

O bezerro recém-nascido está isento de anticorpos (antígeno) contra organismos estranhos, pois a barreira placentária impede a passagem de antígeno para o organismo do feto. Mas através do fornecimento de colostro estabelece-se um consumo de anticorpos, favorecendo a proteção do bezerro contra agentes externos. Por isso, o criador deve dar máxima importância ao fornecimento de colostro ao bezerro em suas primeiras horas de vida, pois constatou-se que a insuficiência na quantidade do

primeiro leite provocou altos índices de mortalidade de bezerros.

Causas da retenção

A expulsão da placenta realiza-se dentro de poucas horas após o nascimento, pelo rompimento nas ligações celulares que acontece próximo ao parto. Várias pesquisas demonstraram que a retenção de placenta ocorre com maior frequência em vacas que tiveram partos precoces.

Certas doenças, incluindo brucelose, leptospirose, vibriose e outras, podem reter a membrana devido ao aborto ou inflamações ocorridas nos locais das ligações celulares, evitando assim o desligamento das membranas e posterior expulsão da placenta. A saúde da vaca leiteira pode ter efeitos impressionantes sobre a produção máxima durante a lactação. Assim cuidados específicos du-

rante o período seco devem ser rigorosamente seguidos, com a atenção especial nos últimos 30 dias. A retenção de placenta, geralmente está associada aos stress provocado no período seco, precisamente nos últimos 20 a 30 dias, que se manifesta através de vários fatores: condições de higiene, exposição a doenças, nutrição deficiente, confinamento excessivo, condições climáticas insatisfatórias, etc... As principais causas de retenção de placenta são de origem infecciosa, nutricional e de causas indiretas.

De origem infecciosa, destacam-se as doenças brucelose, leptospirose, tricomose e outras. De origem nutricional podemos relacionar os desequilíbrios minerais, principalmente de cálcio, fósforo, selênio e iodo; desequilíbrios nas vitaminas A e E; desequilíbrio de energia; desequilíbrio de proteína na dieta; desequilíbrio na alimentação fibra/concentrado e presença de certos minerais inibidores em determinados tipos de pastagens. As causas indiretas são a atonia uterina pela insuficiente contração do útero (tônus muscular); stress intenso, problema de manejo, transporte, alta produção leiteira, seguida de curto período seco.

Medidas de prevenção

1 — Controle e tratamento das doenças infecto-contagiosas e parasitárias,

ligadas a esfera reprodutiva;

2 — Alimentação corretamente balanceada nos diversos nutrientes (energia, proteína, minerais, vitaminas). A relação dos alimentos volumosos e concentrados) deve ser de aproximadamente 50% na matéria seca;

3 — Corrigir os fatores de stress, como prolongado período seco, meio ambiente desconfortável, etc;

4 — Suplementação mineral correta com Bovigold a 3% na ração, fornecendo-se 1 kg de ração cada 3 litros de leite produzido, misturado ao sal meio a meio e colocado no cocho;

5 — Corrigir a atonia uterina (aumentar o tônus muscular) bastante comum nos casos de febre vitular subclínica, aplicando-se a associação de Glicofort + Prolacton. ■

A medicação certa

BOVIGOLD — Concentrado mineral vitamínico, cientificamente equilibrado para atender as necessidades de manutenção, produção e reprodução dos rebanhos leiteiros.

GLICOFORT — Tônico, energético, antitóxico injetável enriquecido com sais de cálcio e magnésio, atuando sinergicamente

sobre o tônus da musculatura lisa do útero, provocado pela atonia uterina devido as hipocalcêmias subclínicas.

PROLACTON — Produto a base de ocitocina, atuando farmacologicamente sobre a musculatura lisa do útero facilitando a expulsão da placenta.

O autor



Médico veterinário pela Universidade Rural do Brasil, Dino Gava é Gerente de Mercado de Bovinocultura de Leite da Tortuga.